ENGEL, Magali. Meretrizes e Doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890). Editora Brasiliense, São Paulo, 1989.

**1) O lugar do discurso: a academia dos médico**

A situação *caótica* estaria expressa, por exemplo, nas constantes epidemias que grassavam pela cidade, nos hábitos e posturas assumidos pelos setores populares que representavam uma alternativa aos valores e padrões impostos pelos setores dominantes e nas tensões sociais que se revelavam cotidianamente. (p.38)

“Em 28 de maio de 1829, foram lançadas, pelos Drs. Joaquim Candido Soares Meirelles, Luiz Vicente de Simoni, Jean-Maurice Faivre, José Francisco Xavier Sigaud e José Martins da Cruz Lobim, as primeiras bases para a criação da Academia de Medicina de Paris. Pretendia-se, pois, que a referida associação seguisse bem de perto a trajetória as Sociedade Real de Medicina, criada na França em 1778, cujas origens, segundo Foucault, estiveram fundamentalmente ligadas as exigências da “definição de um estatuto político da medicina” [...]. (p. 39)

“definida como espaço de produção de um saber cientifico nos estatutos fixados por decreto de 15 de janeiro de 1930, a sociedade de Medicina do Rio de Janeiro deveria funcionar como uma espécie de consultoria do governo para os assuntos relacionados a higiene publica. Assim, a sociedade elaboraria o código de posturas da cidade do Rio de Janeiro, promulgado pela câmara municipal em 1832.” (p.40)

“[...]os *anais* permaneceriam, ao longo da segunda metade do século XIX, como um expressivo meio de circulação do conhecimento médico. A preocupação em reproduzir artigos estrangeiros.” (p.34)

“usando argumentos de autoridade, respaldados na sua formação universitária e cientifica, o médico passava a opinar sobre tudo o que dissesse respeito a mulher: desde os aspectos relacionados a sua constituição física e mental até a conveniência do vestuário e dos hábitos da moda. [...] (p.44)

“desde 1809 funcionava no hospital militar do morro do castelo a escola anatômica, cirúrgica e medica do Rio de Janeiro, que em 1813 seria transferida para a Santa Casa da Misericórdia com a denominação da Academia Médico-cirúrgica do Rio de Janeiro.” (p. 45)

“o projeto de reforma do ensino médico, elaborado por uma comissão da sociedade de Medicina, a pedido do governo regencial, foi aprovado por lei de 3 de outubro de 1832, transformando a Academia-cirúrgica na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Com a reforma inspirada nos moldes franceses, o ensino médico passou a compreender três cursos: o de medicina, o de Farmácia e o de Partos.” (p.45)

“[...] a *cidade doente*, surge como objeto construído pelo saber da medicina e privilegiado na prática do médico. Na definição e no tratamento desse objeto, o pensamento médico brasileiro revelar-se-ia profundamente marcado pelas perspectivas da produção médica francesa.” (p. 48)

“ O privilégio dado aos temas relacionados a mulher e a criança na intenção disciplinadora dos hábitos e comportamentos dos habitantes da cidade revela a presença dos “quatro grandes conjuntos estratégicos, que desenvolvem dispositivos específicos de saber e poder a respeito do sexo”, detectados por Foucault a partir do século XVIII: a histerização do corpo da mulher, a pedagogização do sexo da criança, a socialização das condutas de procriação, e a psiquiatrização do prazer perverso.” (p.51)

“Na construção deste projeto normatizador, a Academia Imperial de Medicina, Bem como a faculdade de Medicina do Rio de Janeiro desempenharam um papel fundamental, a medida que se definiam como espaços de produção de uma “consciência coletiva dos fenômenos patológicos”. Para tentar viabiliza-lo foi preciso não só assegurar um poder de atuação sobre a *rua*, através do atrelamento ao Estado, mas também conquistar o lugar até então ocupado pelo padre na **casa**, através da conversão da mulher em aliada. Foi preciso, ainda exclui da tarefa o *curandeiro* e o *charlatão*, já que somente o saber *cientifico*, único *legitimo*, caberia cumpri-la,” (p.51)

“Defender a “moral”... Combater a “libertinagem” e a “corrupção” ... *Velhas* missões que, do ponto de vista médico, deveriam ser realizadas através de um novo instrumento: ao invés da *fé*, a *ciência.*” (p.66)

**3- Girando as lentes do microscópio: a definição dos significados da doença**

“A prostituta é classificada- ao lado do libertino, do pederasta, do anonista, do sodomita, a lésbica e da ninfomaníaca- entre os tipos que apresentam um comportamento sexual desviante, segundo os critérios médicos de avaliação.” (p. 72)

“A noção de desvio utilizada na elaboração desta tipologia traz explicita a percepção da sexualidade doente como uma distorção da natureza e, assim, a perversão sexual, qualificada de antifísica e de antinatural, é identificada como doença do organismo.” (p.72)

“Mais do que um tipo de perversão, a prostituição é concebida como uma categoria capaz de expressar o conjunto das práticas localizadas no plano da sexualdidade pervertida, tais como a pederastia, o lesbianismo ou safismo, o anonismo, a sodomia, a ninfomania e a libertinagem que, alias, pelo menos até princípios do século XX, não costumavam se constituir em temas tratados de mono mais especifico nas teses da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e nos trabalhos publicados pelos Anais da Academia de Medicina do Rio de Janeiro.” (p.72)

“O primeiro trabalho médico sobre o homossexualismo, de que temos conhecimento, produzido no Rio de Janeiro, é o estudo do Dr. J. R. Pires de Almeida, Homossexualismo: A libertinagem no Rio de Janeiro.” (p.72)

“A associação entre *clandestinidad*e e  aparece claramente formulada, por exemplo, na sofisticação da prostituição no Rio de Janeiro elaborada pelo Dr. F. F. de Macedo. Dividindo a prostituição clandestina em duas classe [...] a) as práticas antifísicas nas mulheres: doutrinas lesbianas, coito contra a natureza, onanismo; b) a sodomia ou prostituição masculina: pederastas (ativos, passivos, mistos), onanismo.” (p.73)

“ Mais uma vez, constatamos a presença do pensamento de Rousseau para quem a mulher, “associada totalmente ao instinto, a ausência de racionalidade, a incapacidade de controle sobre as paixões avassaladoras”, é extremamente perigosa, devendo, portanto, receber “uma educação altamente autoritária que a confine ao lar como uma freira ao convento.” (p. 82)

“[...] a escravidão é apontada no discurso como uma das principais causas da prostituição na cidade do Rio de Janeiro. Inserido na intimidade do lar e aí atuando como mau exemplo e objeto da libertinagem, o(a) escravo(a) doméstico(a) é visto(a) como principal responsável pela desagregação das relações familiares.” (p.91)

**4- Do diagnostico a prescrição dos medicamentos: as propostas do controle da prostituição**

“Assumindo uma perspectiva no sentido de civilizar a cidade para convertê-la em espaço higienizado, os médicos incorporam como objetos de investigação todas as situações e pessoas que, consideradas geradoras e/ou disseminadoras da *desordem*, são colocadas sob suspeição.” (p.138)